

MORRER NÃO É NENHUMA TRAGÉDIA

Monólogo de José Rubens Siqueira

Registrado na Biblioteca Nacional sob n. 583.856

O Homem de roupa preta, elegante, mãos cruzadas ao peito, deitado numa mesa estreita e comprida, bonita, leve.

Pode estar descansando, pode estar morto.

De um lado, no chão, um vaso grande vidro com um punhado de lírios brancos, num arranjo informal.

Do outro lado, um castiçal alto de madeira torneada, com uma vela grossa, acesa.

Música baixa, agradável, repousante.

O palco e a plateia em penumbra.

Espera-se o público se aquietar, sem tocar os sinais teatrais.

A luz da plateia se apaga suavemente.

Um longo tempo de silêncio e vazio.

Com muita naturalidade, o Homem cruza um pé sobre o outro.

HOMEM – A vida inteira ouvi dizer que a gente nunca está preparado para a morte.

Dos outros.

Se apoia num cotovelo e se dirige à plateia.

Porque se você quiser, dá para se preparar muito bem para a sua. Depende daquilo em que você acredita. Quem pensa em dinheiro, vai fazer um belo seguro de vida, engordar uma poupança, garantir um caixão de primeira, um velório bacana, um túmulo elegante num cemitério de prestígio.

Senta-se.

Quem pensa em fama, vai querer garantir que a notícia saia em todos os jornais, que tenha muita gente importante chorando para as câmeras de televisão, dizendo as coisas de sempre. Quem é religioso e pensa mais na outra vida do que nesta, pode se preparar espiritualmente, garantir que está em paz com Deus e com

os homens, para, se possível ir direto para o céu por toda a eternidade e não ficar perdendo tempo no purgatório nem correr o risco de ir para o inferno.

Desce da mesa.

A luz vai mudando discretamente com o movimento dele.

Seja qual for o caso, é melhor começar a se preparar logo.

Enquanto você está vivo.

É igual parar de fumar ou começar um regime para emagrecer: não dá para deixar para amanhã. Já pensou se você está andando na rua sossegado e um maluco bêbado passa com o carro em cima de você? Ou se cai o letreiro do supermercado na sua cabeça? Ou, no aperto da plataforma no metrô, na hora de ir embora para casa, alguém te empurra sem querer para os trilhos? Ou se um boboca de um garoto querendo dinheiro para comprar crack resolve te assaltar e com mais medo que você aperta o gatilho e você passa desta para melhor?

Avança para a boca de cena.

Aliás, esse é que é o problema: será que é melhor mesmo?

Pode ser. Só depende da gente.

Não tem como evitar a tristeza de perder pai, mãe, um tio ou tia queridos, um amigo do peito. Pior é perder filhos. Aí nem parece natural. Perder gente mais velha até dá para encarar, mas perder criança, adolescente, aí é demais.

Até artista famoso quando morre a gente fica triste. Não conhece, não sabe nem se a pessoa é boa ou não, só vê lá, na tela do cinema, na televisão, na revista. Mas fica triste como se fosse conhecido, amigo, parente.

Já para a própria morte dá bem para se preparar. Cada um do seu jeito. Começando cedo. O que não se pode esquecer nunca é aquele lugar comum, aquela frase feita que a gente já ouviu mil vezes, mas que é uma verdade que não dá para negar: a morte é a única certeza.

“Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou” está escrito na porta do cemitério da minha cidade.

Estranho quando alguém fica doente e diz: “Naquela hora, entendi que eu ia morrer”. Como assim? O cara não sabia?

Claro, você pode escolher não pensar nisso, deixar para depois, achar que ainda é moço, que não vai acontecer nada, que toma todos os cuidados, come bem, dorme bem, faz exercícios, pensa nos outros, trabalha no que gosta, então melhor não pensar no fim, quando vier, veio, não vou ficar me atormentando por causa disso.

Mas não adianta não pensar. É melhor pensar: eu vou morrer.

Parece mórbido, parece coisa de filme de terror?

Não é.

Você vai morrer, meu bem.

Então é melhor aceitar e gozar a vida. Viver é lindo.

Viver como ser humano, então, é muito divertido. Nós temos um corpo que é mágico: capaz de transformar comida em gordura, que é reserva para quando não tiver comida. Desde que o macaco virou ser humano (ou, para quem não gosta de Darwin: desde que Deus criou o ser humano), encontrar comida sempre foi um trabalhão.

Os primeiros humanos saíam pela floresta colhendo folhas, frutas, raízes. Caçavam bichos na terra, no ar, na água. Descobriram jeitos de fazer a comida durar mais: secando ao sol, salgando, cozinhando, fermentando. Não existia obeso. Se vinha uma tragédia, um dilúvio, uma enchente, um tsunami, um terremoto, um incêndio, todo mundo passava fome. Se a terra virasse deserto, morriam povos inteiros.

Aí, teve um salto evolutivo e o ser humano começou a produzir a própria comida. Não dependia mais só da natureza. Inventou a agricultura, plantava e colhia. Domesticou uns animais, criava do lado de casa, tinha leite, carne, couro.

(Quando eu era criança na escola todo ano a professora dava uma redação chamada “A vaca”. E a gente sempre começava com a frase: “Da vaca tudo se aproveita”.)

De vez em quando, dava uma praga, de pulgão, de gafanhoto, de joaninha, e comia a colheita toda. Ou uma peste no rebanho, uma febre aftosa, uma diarreia, morriam os bichos todos. Era a fome. Morriam povos inteiros.

No século passado, pela primeira vez a humanidade conseguiu um jeito de ter comida garantida o ano inteiro, todos os anos. Com novas técnicas de plantio, com seleção de espécies, com agrotóxicos, adubo químico. Além da geladeira, claro. Quando eu era pequeno, geladeira só tinha em bar e em casa de gente rica. Era um trambolho enorme, de concreto e metal, tinha de pôr as barras de gelo lá dentro para manter a temperatura baixa. O caminhão de gelo passava de manhã, deixava as barras de gelo grandes, de um metro de comprimento, empilhadas na calçada, derretendo aos poucos, até o dono recolher.

Então, depois da Segunda Guerra Mundial as coisas mudaram radicalmente. Havia comida no mercado, no supermercado, nos depósitos. Era possível armazenar grãos a baixa temperatura, congelar carnes. Ninguém mais precisava ficar gordinho para ter reserva no caso de uma doença, de uma fome no país ou no mundo.

A comida podia ficar fora do corpo, não precisava ficar dentro.

Aí, mudou até a moda. Até essa época era bonito gente gordinha, mulher rechonchuda, gostosona, homem com barriguinha. O bonito passou a ser estar magro. Com o corpo em dia, bem alimentado, mas sem gordura. Começou a época dos regimes para emagrecer.

O ser humano passou milênios sabendo que tinha de comer enquanto houvesse comida para ter reserva para quando não tivesse. De repente, não precisava mais armazenar gordura.

Por isso que é tão difícil fazer regime. A nossa memória genética nos manda comer enquanto houver comida pela frente.

E começou a obesidade generalizada. Imagine só. Alguém que pesa duzentos quilos, fala a verdade, está exagerando! Comida demais acaba sendo tão ruim quanto comida de menos.

O mundo engordou. A obesidade virou um problema tão grande quanto a fome. Isso é que é de lascar: tem gente morrendo porque come demais e continua tendo gente que come de menos. Fome e obesidade ao mesmo tempo, no mesmo país. O mundo pirou: morre-se de fome, morre-se do “come”.

Uma das teorias para a origem do petróleo é que ele é o acúmulo da gordura de todos os seres vivos (animais e plantas) que já morreram e que ao longo de milhões de anos foi filtrando pelas camadas de rocha do planeta.

Quando o professor de física contou isso, um colega meu, obeso de mais de 100 quilos aos 15 anos, fez o comentário cruel: “Então, eu sou a garantia de petróleo no futuro. É a minha contribuição para a humanidade.”

Claro que o aumento da oferta de alimento não é ruim. É bom. A cabeça do ser humano é que é ruim.

Se tem tanta comida por que tem gente que ainda passa fome?

Será que se eu comer menos sobra para alguém comer mais?

Devia ser assim, mas não é. Porque aí entra no meio a política, a economia, uma porção de outros fatores. Mas de qualquer jeito a coisa melhorou. Prova disso é que a população do mundo está aumentando. Morre-se menos, vive-se mais. Cada dia tem mais velhinho com mais de cem anos e com a cabeça ainda boa, mandando ver. *(longa pausa)*

Não é o meu caso. *(aponta a mesa)* Com licença, eu vou morrer.

Vai para a mesa e se deita.

Ajeita a roupa, cruza as mãos no peito, vira defunto outra vez.

Breve tempo.

Música baixa, agradável, repousante.

Mudança de luz.

Breve tempo.

HOMEM – A gente come de tudo: sólido, líquido e gasoso.

Senta-se e desce rapidamente da mesa. Mudança de luz.

Minha bisavó, que era muito desbocada, detestava salgadinho.

“Me dê comida que faz bosta”, ela dizia.

Mas além de comida e bebida, de pão e água, a gente come gás.

Respira fundo algumas vezes. Pausa.

Faz gesto de fumar um cigarro.

Um olhar malicioso: faz gesto de fumar um baseado. Canta:

“Me diga amigo meu: será que tudo o que eu gosto é ilegal, é imoral ou engorda”

Como o pecado sempre vem com seu castigo, junto com a orgia alimentar veio o moralismo alimentar: açúcar faz mal, gordura faz mal, café faz mal, chocolate faz mal. Vira e mexe aparece na televisão alguma grande descoberta da ciência dizendo que é só parar de comer não sei quê para viver dez anos mais.

E quem quer viver mais dez anos sem comer uma picanha, sem tomar um chopinho, sem a sobremesa do pudim de leite da Dirce, minha cozinheira?

Meu irmão que é médico dos bons fala: “A gente só consegue prolongar a velhice”.

Ficar pensando demais no que se come, contando protídeo, glicídio, lipídio, medindo caloria, cortando carboidrato, gordura trans não pode, precisa de antioxidante, de ômega-3, disto, daquilo, tira o prazer da vida.

“Engordamos todas as outras criaturas para elas nos engordarem, e nós nos engordamos para os vermes. Nosso gordo rei e nosso magro mendigo são só cardápios diferentes, dois pratos para a mesma mesa. O fim é esse.”

já dizia Shakespeare, pela boca de Hamlet.

A vida sem prazer é morte. Fala a verdade? É importante o prazer, a energia. Além de sólido, líquido e gasoso a gente come energia. Não é mesmo?

Tem energia circulando aqui entre eu e vocês. Estão sentindo? Todo mundo se comendo. Eu alimento vocês, vocês me alimentam. Ah, delícia!

Bom. Morrerei agora.

Vai para a mesa, se ajeita, morre.

Breve pausa.

Música baixa, agradável, repousante..

O Homem não se levanta, nem vira a cabeça para a plateia, simplesmente fala, morto.

HOMEM – Só que viver demais vira um problema também. Que piora ainda mais com os avanços da medicina.

Senta-se de repente, cheio de energia. Desce da mesa, vai para a boca de cena.

Mais ou menos na mesma época que o mundo achou jeitos de produzir comida constante, a ciência começou a achar remédios sintéticos para curar uma porção de doenças. Como o antibiótico. Até a Segunda Guerra Mundial tinha uma porção de doenças que quando atacavam não tinha jeito. Era morte certa. Tuberculose por exemplo. Aí descobriram a penicilina, o primeiro antibiótico. Ninguém mais morria de tuberculose, de sífilis, de pneumonia. Começou uma nova era: a dos remédios.

Quando eu era criança, remédio era uns três ou quatro: Cafiaspirina para dor de cabeça, febre, resfriado; iodo e mercurocromo para passar no machucado; Belacodid, um xarope vermelho muito gostoso que sarava a tosse e que, se tomasse o vidro inteiro dava barato, porque era derivado de ópio; Nebacetin (que a Cida, empregada da minha mãe, chamava de “Nabucetin”) uma pomada antibiótica danada de boa. Aos poucos, foi aumentando o número de remédios. Um dos primeiros dos novos foi Novalgina. (imagine como a Cida ia dizer esse nome).

Agora tem remédio para tudo. É bom? É bom. Mas provocou uma mudança muito séria na vida. Porque deu a ilusão de que dá para curar tudo. Não dá.

Remédio é droga. E droga vicia. Uma amiga minha toma mais de trinta (30!) comprimidos por dia. Divide assim em montinhos coloridos na mesa, pega um punhado e engole, joga a cabeça para trás, assim, feito galinha bebendo água. De punhado. Se tomar de um em um leva uma hora e meia.

Muitos anos atrás, umas das minhas avós, que vivia com acidez estomacal, quase morreu engasgada, porque meu avô, que era farmacêutico, levou para ela experimentar um comprimido novo: Sonrisal. Ela não sabia que era efervescente. Tentou engolir.

Meu médico é daqueles que acompanha o paciente do berço à sepultura, prefere curar com chazinho do que com antibiótico e é um ás em diagnóstico. Quando tive uma fascite na planta do pé que parecia que ia me aleijar para sempre, ele riu um pouco da minha aflição em busca de um remédio e falou: “Sossegue. Nunca vi ninguém morrer de dor no pé, mas já vi muita gente morrer de remédio para dor no pé.”

Pena que não seja esse o rumo que a medicina está tomando. Um professor de medicina que conheço não vê a hora de se aposentar. A crise pessoal dele ficou crítica quando foi supervisionar a visita diária com quatro jovens médicos residentes no quarto de um paciente idoso. Com grande eficiência, os jovens compararam os exames de sangue, de urina, raios-X, tomografias, ecografias, etc., etc., conferiram as máquinas todas e iam saindo. *Sem* examinar o paciente. Esqueceram de olhar o velhinho, de pegar na mão dele, de conversar, perguntar como estava se sentindo. Para eles, a função do médico é curar a doença, não o doente. Provavelmente serão todos especialistas em algum órgão, para não ter de tratar o ser humano inteiro, integrado, um organismo, não um conjunto de peças que podem ser repostas, como se a gente fosse um carro, uma máquina. Quando um grande cardiologista, especializadíssimo, famoso, falou para meu amigo que ele tinha de emagrecer vinte quilos, ele respondeu:

“Eu tenho um metro e oitenta, nunca pesei 60 quilos, nem aos 18 anos. Não vai dar.”

O médico: “Como assim? Eu sou seu médico, estou dizendo que tem de emagrecer vinte quilos, você emagrece. Senão, como ficamos?”

Meu amigo: “Não ficamos. Eu mudo de médico.”

O problema da especialização é que especialista é aquele cara que sabe *muito* sobre *pouco*. Até saber *tudo*, sobre *nada*.

O equívoco é achar que a medicina existe para curar. Tem mais doença incurável do que curável. Medicina existe é para aliviar o sofrimento. Quando tem cura, cura. Quando não tem... morre-se. Não está errado morrer. Morrer não é uma falha, um erro. Morrer não é doença. A gente tem o direito de morrer.

Pausa.

É.

Desanimado, vai para a mesa e deita.

Imediatamente levanta e volta para a frente já falando.

A maior parte das pessoas morre no hospital. Assim como, hoje, a maior parte das pessoas nasce no hospital. Nascer é doença? Parir é doença? Parir filhos é um esforço danado, mas fazer o filho também exige um bom esforço. E não tem nada a ver com doença. O corpo é feito para isso: pra gozar, engravidar e parir. Ou não? Trocar esse processo da natureza por uma operação cesariana é violência com a mãe e com a criança. Claro que tem casos em que a cesariana é a salvação, mas nascer com data marcada é meio esquisito, não é não?

Tem alguma coisa errada aí! Hospital é lugar de tratar.

Porque não é só doença que mata. Comida demais mata, fome demais mata.

Agora até sexo mata. A maior parte da moçada não sabe o que é pele com pele!

Tem sempre uma camisinha entre um e outro. É fininha, é protetora, é indispensável.

Olha lá! Me entendam bem que não sou contra. É loucura total sair por aí trepando de *bareback* como já dizem em inglês: trepar de “costas nuas”. Ou sem camisa, sem camisinha.

Mas dá uma pena...

Primeiro não podia transar porque era pecado diante de Deus, ilícito diante dos homens. Aí, na enxurrada de remédios do século passado, veio a pílula e foi uma beleza. Acho que nunca se transou tanto na história da humanidade. A alegria durou pouco, mas durante um período o corpo era um brinquedão, podia tudo. Tinha a pílula para não engravidar, tinha antibiótico para curar sífilis, gonorreia, condiloma, as “doenças sexualmente transmissíveis”.

Aí veio a Aids e acabou com a alegria. Primeiro acharam que era a “peste gay”, coisa de veado, só quem fazia *contra natura* é que pegava. Mas não era nada dessa besteira. Era, é, um perigo de fato, que impôs a camisinha. Bom. Melhor com ela que sem ela. Não pode é deixar o moralismo comandar e acabar com essa parte que é das melhores coisas desta vida.

No meio da besteirada que se falou sobre a Aids, teve gente que falou, *a sério*, que era um controle populacional da própria natureza. Uma epidemia para reduzir a humanidade, como a Peste Negra, a Gripe Espanhola, a varíola, a tuberculose. Porque superpopulação mata e nunca existiu tanta gente no mundo.

Aí, mesmo discordando, a gente tem de concordar: nunca existiu tanta gente, tanto lixo, tanta poluição, tanta violência, tanta injustiça, tanta corrupção, tanta burocracia.

Desanimado, vai para a mesa.

De costas para a plateia, apoia a mão na mesa, baixa a cabeça.

Pausa.

Vira só a cabeça, olha o público.

A vida no geral melhorou, claro, não tem como negar. Melhorou, mas a gente continua morrendo. Por que será?

Lentamente, sobe na mesa.

Sem grande entusiasmo deita e se ajeita.

Porque viver mata.

Música baixa, agradável, repousante.

Mudança de luz.

Pausa.

Do alto, chovem folhas de papel por todo o palco.

Ainda deitado, ele pega uma, lê.

HOMEM – “Tanatopraxia: preparação e conservação temporária do cadáver. Técnica que impede o risco de infecção e retarda a tanatomorfose. O restauro e a cosmética permitem restituir ao corpo de defunto uma atitude natural, calma e serena, importante para atenuar o sofrimento dos familiares....”.

Ha!

Joga a folha.

Senta-se na mesa.

Pega outro papel, lê.

HOMEM – “Sinais físicos de aproximação da morte:
pulsação rápida e irregular; respiração rápida, ruídos; agitação física; relaxamento muscular; sudorese abundante; olhos vidrados, blá blá blá...
Observação: nem todos os indivíduos apresentam todos os sintomas.”

Ri, sacode a cabeça, joga longe o papel

Pega outra folha. Lê:

HOMEM – 01 - Desligar todos os equipamentos;
02 - colocar a cama em posição horizontal;
03 - cobrir o corpo com lençol;
abrir biombos ao redor do leito;
05 - lavar as mãos;
juntar o material necessário em torno do morto;
colocar a bacia com água sobre a cadeira;
vestir o avental, calçar as luvas, colocar a máscara, se necessário;
09 - soltar os lençóis, retirar o travesseiro;
retirar sondas, cânulas, drenos e colocar no saco plástico;
barbear o paciente se for necessário;
fazer a higiene do corpo com água e sabão;
13 - remover curativos e refazer, se necessário;
tamponar todos os orifícios naturais do corpo com algodão seco com a pinça longa, de modo que não apareça;
fechar as pálpebras com tiras de esparadrapo durante 1 hora;
16 - colocar dentaduras e próteses se for o caso;
sustentar a mandíbula com atadura de crepe, amarrada no alto da cabeça durante 1 hora;
vestir a roupa no paciente;
colocar as mãos juntas sobre a cintura e fixar com atadura de crepe;
juntar os pés e amarrar com atadura de crepe;
21 - colocar etiqueta nos tornozelos se o corpo for para necropsia;
forrar a maca com lençol em diagonal;

passar o corpo da cama para a maca;

24 - dobrar o lençol envelope sobre o corpo e fixar com fita crepe; cobrir o corpo e a maca com outro lençol; fixar com fita crepe a outra etiqueta na altura das mãos do paciente; reunir os pertences e entregar à família.

Com gestos bruscos, irritado, joga no chão todos os papéis que estão sobre a mesa.

Menos um, que fica debaixo de seu corpo.

Deita-se, arruma-se como morto.

Deitado, com intensidade, fala:

HOMEM – “Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia assim! De um sol assim! Tu, desganhada e fria, fria! Postos nos meus os teus olhos molhados, e apertando nos teus os meus dedos gelados...

E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto! E este medo!
Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte,
a arredar-me de ti, cada vez mais a morte...

E eu morrendo! E eu morrendo,
vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céu, e vendo
tão bela palpitar nos teus olhos, querida,
a delícia da vida! A delícia da vida!”

Música baixa, agradável, repousante.

Tempo.

Encontra e pega o papel que restou debaixo de seu corpo, lê:

HOMEM – “A morte pode ocorrer no organismo inteiro ou apenas em parte dele. Células individuais ou órgãos podem morrer e o organismo continuar vivo. Muitas células vivem por pouco tempo. A maior parte das células é continuamente substituída por novas células. Essa substituição por divisão celular, acaba cessando, não há mais replicação, e o organismo funcionará cada vez com menos células. Com isso os órgãos entram em pro-

cesso degenerativo até não haver mais condições para o funcionamento vital do organismo; é a morte natural por velhice”.

Deixa cair o papel.

Senta-se, mãos juntas entre as pernas.

Óbito
 falecimento
 passamento
 desencarnar
 apagar
 descansar
 expirar
 empacotar
 entregar a alma a deus
 ir para o bebeléu
 bater as botas
 esticar as canelas
 comer capim pela raiz
 virar presunto...

Desce da mesa.

A indesejável das gentes... e ao mesmo tempo: obscura maravilha, remate de males.

Quem nunca namorou a morte?

O Brás Cubas de Machado de Assis: “expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869 ... Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! ... chovia ... uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a

natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” Bom e fiel amigo! ... E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo”.

Igual a Noel Rosa: (*canta*) - Quando eu morrer, não quero choro nem vela

Quero uma fita amarela gravada com o nome dela.

Se existe alma, se há outra encarnação

Eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão.

Não quero flores nem coroa com espinho

Só quero choro de flauta, violão e cavaquinho.

Estou contente, consolado por saber

Que as morenas tão formosas a terra um dia vai comer.

Não tenho herdeiros, não possuo um só vintém,

Eu vivi devendo a todos, mas não paguei a ninguém

Meus inimigos que hoje falam mal de mim

Vão dizer que nunca viram uma pessoa tão boa assim.

Quando eu morrer...

Quem nunca namorou a morte?

Não falo dos que se arriscam pilotando carro de corrida, pulando de parapente de altas altitudes, descendo montanha de bicicleta, mergulhando com tubarão. Falo da sedução do suicídio, daquela ideia adolescente de morrer para castigar os outros. Huckleberry Finn que foge para acharem que morreu, e fica pensando como os outros vão sofrer, vão chorar, vão sentir sua falta e se sentir culpados por tudo que fizeram para ele. Eu me identifiquei quando li, aí pelos dez, onze anos. Já tinha sentido isso. Esse impulso de castigar os outros me matando. Idiota.

Suicida de verdade não falha: planeja tudo friamente, com precisão e rigor, como se fosse mais uma atividade de um dia comum. Faz tudo o que sempre faz, chega em casa e como não aguenta mais mesmo, se mata. Se mata.

Nunca entendi o suicídio. Estive muito perto de suicidas, perdi amigos que se mataram: um com um tiro de fuzil, igual o Kurt Cobain, outro que tentou onze vezes, ficou até engraçado. Vira e mexe a gente ficava sabendo de mais uma: tomou remédio três vezes, enfiou a cabeça no forno e abriu o gás, cortou os pulsos, se enforcou no chuveiro: o cano partiu, inundou tudo; sempre alguém chegava na última hora e salvava, quer dizer, não queria morrer, queria... sei lá, ia dizer que ele queria chamar atenção, mas não era isso. Tinha uma dor real ali dentro dele, uma saturação. Se ele conseguiu? Conseguiu. Depois dessas, se jogou no mar sem saber nadar, tomou três LSD de uma vez, bebeu desentupidor de pia Diabo Verde que queimou tanto a garganta dele que ficou com voz de Rod Stewart o resto da vida, pulou do oitavo andar, bateu em cima de um toldo que rasgou, amainou a queda e dois andares abaixo caiu onde estava empilhada a grama seca que o jardineiro tinha cortado. Ele levantou, bateu o pé da roupa e saiu andando, incólume. Também pulou do viaduto do Chá, quebrou as duas pernas e nenhum carro, nenhum!, passou em cima dele. Claro que acabou conseguindo, de um jeito horrível que não vou contar. Não vou. Não foi engraçado. Me deu muita, muita pena. E raiva. Sempre tive raiva de suicidas. Acho que só um suicídio eu entendi. Uma amiga minha que pulou da janela por amor, por solidão de viver viúva anos e anos sem nenhum outro amor que lhe bastasse, preenchesse, pacificasse. Não deu tempo dela reaprender a conformidade e a alegria, como diz o Guimarães Rosa. Ela não queria outra coisa, queria mesmo morrer. Foi eficiente no desespero. Ou na desesperança desta vida. Não sei. Quem sabe acreditava que ia mesmo reencontrar seu amor do outro lado, como Tereza D'Ávila:

Vivo sin vivir en mí
y tan alta vida espero
que muero porque no muero.

Vivo y a fuera de mí,
después que muero de amor,
porque vivo en el Señor,
que me quiso para sí;
cuando el corazón le di
puso en mí este letrado:

«Que muero porque no muero».

Esta divina unión,
y el amor con que yo vivo,
hace a mi Dios mi cautivo
y libre mi corazón;
y causa en mí tal pasión
ver a mi Dios prisionero,
que muero porque no muero.

¡Ay, qué larga es esta vida!
¡Qué duros estos destierros,
esta cárcel y estos hierros
en que está el alma metida!
Sólo esperar la salida
me causa un dolor tan fiero,
que muero porque no muero.

Acaba ya de dejarme,
vida, no me seas molesta;
porque muriendo, ¿qué resta,
sino vivir y gozarme?
No dejes de consolarme,
muerte, que así te requiero:
que muero porque no muero.

Tempo.

Eros e Tanatos, amor e morte, nós no meio, querendo um e outro.
Morrer de amor, amar a morte. Faz sentido? Pra mim faz. A vida inteira a gente
cria e destrói.

Freud que adorava explicar o inexplicável, inventou uma ideia que já existia muito antes dele, desde os gregos: que gente tem duas pulsões, uma para o amor, outra para a morte: Eros e Tanatos.

Eros é filho de Afrodite, Vênus, e não cresce nunca. Só quando ela tem outro filho, Anteros, é que Eros cresce, fica forte porque tem a quem se opor. É corajoso. Bom caçador. Cheio de expedientes. Não é nem mortal, nem imortal; no mesmo dia, se tudo dá certo, ele se anima, no momento seguinte, morre; mas vive de novo. Só que tudo que ele consegue sempre escapa das suas mãos. Nunca é pobre nem rico. Numa história enroladíssima, Eros casa com Psiquê. Com a condição de que ela nunca veja o rosto dele. Mas Eros é tão gostoso que uma noite, depois de uma trepada boa, ela acende uma vela para ver o marido. Ele é tão lindo que ela estremece e derruba cera quente no peito dele. Ele acorda, fica puto e vai-se embora. Psiquê, a alma, morre. Eros, o amor, volta, leva a alma para morar com ele no Olimpo, os dois tomam ambrosia e ficam imortais. Eros, o amor, Psiquê, a alma, imortais.

Tanatos é a morte, irmão gêmeo de Hipnos, o sono. Filhos de Nix, a noite, netos de Caos. (Putz! Faz um puta sentido não faz? Esses gregos eram danados para aproximar imagens.) Quando Zeus, numa das suas muitas aventuras com mortais, se transformou em águia e ia levando Egina com ele, um mortal chamado Sísifo viu e entregou Zeus para o pai da moça. O deus dos deuses ficou tão puto que mandou Tanatos levar Sísifo para o mundo dos mortos. Mas Sísifo enganou a morte: elogiou tanto a beleza de Tanatos que ele aceitou um colar de presente. Só que não era um colar, era uma coleira. E Tanatos, a morte, ficou prisioneiro de Sísifo. Mas ele acabou se ferrando porque dois outros deuses ficaram putos também. Hades, o deus dos mortos, porque estavam roubando o que era dele e Ares, Marte, o deus da guerra, porque sem morte não tem guerra. Hades fez Sísifo libertar Tanatos e Sísifo foi para o mundo inferior, condenado a levar uma pedra morro acima até a pedra rolar pelo outro lado. E ele tinha de subir a pedra de novo.

Como o amor e a morte: sobe, e desce.

O enforcado tem uma última ereção. Não é lenda, é fato. Mas não é erotismo. Quando o cara morre na vertical, o sangue para de circular e a gravidade, igual com a pedra do Sísifo, entra em ação: o sangue desce para os pés, para as pernas,

vai enchendo tudo o que está vazio, preenche os corpos cavernosos, o pau sobe, fica duro.

Então. Desde o século XVI, em francês, o orgasmo é chamado de *la petite morte*, “a pequena morte”. Na época, a anatomia e a cirurgia moderna estavam começando e chamavam de “pequena morte” o estado de abandono e relaxamento, de esgotamento da “força vital” que se dá no orgasmo, por comparação à *grande morte*, a definitiva, em que tudo acaba. Aliás, quando eu era adolescente “acabar” era eufemismo para gozar, para ejacular. A menina pegava no seu pau no escurinho do cinema e você “acabava” na roupa tinha de sair com o casaco dobrado no braço, escondendo a calça molhada.

Tempo.

HOMEM – Mas quando morre acaba?

Não dá para saber. Ninguém volta para contar. Quer dizer, varia. Tem gente que diz que volta, tem gente que diz que não.

Deita, morre.

Tempo. Levanta, senta na mesa.

Tem gente que diz que quando morre acaba.

Tem gente que diz que quando morre segue em frente sem olhar para trás.

Tem outros para quem se volta, sim.

Desce da mesa, avança.

Para os lamas budistas tibetanos, essa questão nem faz sentido.

Estende a mão. Do alto cai um livro. Ele lê a capa:

Livro tibetano dos mortos. Prefácio do lama Anagarika Govinda:

Abre, lê:

“Não existe *nenhuma* pessoa, *nenhum* ser vivo que *não* tenha voltado da morte. Nós todos morremos várias mortes antes desta encarnação. E o que chamamos de nascimento é só o contrário da morte. Como os lados de uma mesma moeda; ou como uma porta que é de ‘entrada’ quando estamos fora, e de ‘saída’ quando estamos dentro. Estranho é ninguém lembrar da sua morte anterior. ... Mas também ninguém lembra que nasceu, e ninguém duvida que nasceu.”

Fecha o livro.

Olha a plateia um instante.

Põe o livro no chão, entre os papéis.

Então. Que faz sentido, faz. Sem pensar em religião nenhuma. Pensando cientificamente: o universo é uma mudança contínua de matéria em energia; e de energia em matéria. “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, já dizia Lavoisier. A matéria e a energia de que a gente é feito se desfaz quando a gente morre, se reintegra no planeta. Não tem um fantasma que sai do corpo e sobe para o céu (ou desce pro inferno), por favor.

O sábio Shakespeare, na peça de teatro mais famosa de todos os tempos, já fala disso com simplicidade e clareza. Quem já ouviu falar de Hamlet, pensa na mesma hora nele segurando uma caveira.

Da coxia, jogam uma caveira, que ele pega.

Muda a luz.

“Ai, pobre Yorick! Eu conheci este homem. Dono de uma graça infinita, fantástica imaginação. Ele me levou nas costas milhares de vezes. E agora, como é horrível imaginar isso! Me dá náusea. Aqui ficavam os lábios que me beijaram não sei quantas vezes. Onde estão agora os seus sarcasmos? As cambalhotas? As canções? Suas tiradas de humor que faziam a mesa morrer de rir? Não sobrou nada para rir do seu riso? Será que Alexandre também ficou assim debaixo da terra? E cheirava assim também? Pah!

Joga a caveira de volta para a coxia.

Podemos voltar servindo para coisas tão miúdas! Dá para imaginar o pó de Alexandre selando um buraco de um barril.

Pensar assim, é pensar demais?

Não, nem um pouco. É só seguir humildemente o pensamento e a gente chega lá. Assim: Alexandre morreu, Alexandre foi enterrado, Alexandre retorna em forma de poeira, poeira é terra, com terra se faz barro. Por que esse barro, em que ele se transformou, não pode estar servindo para selar um barril de cerveja?

César morreu, é barro agora,
e tapa o vento que sopra lá fora,
Oh, essa terra que o mundo deslumbrava
remenda uma parede que o inverno gelava.”

Muda a luz.

Faz sentido, não faz?

Vai indo para a mesa, pensativo, concentrado.

Para, vira para a plateia outra vez, encosta na mesa, apoia as duas mãos nela.

Somos todos reciclados. Tudo o que nos constitui é reaproveitado, já serviu para alguma coisa antes: nos milhões e milhões de anos de vida do universo, nossos átomos já foram mineral, vegetal, animal. Com a consciência racional que a gente tem, a gente não lembra. Mas dá para entender que é assim. Não dá?

Nesses termos, dá para negar que a gente “reencarna”? Não dá.

A física comprova direitinho. Não tem como negar.

Tem ateus que fazem questão de dizer que Deus não existe, que alma não existe, que morreu acaba. E fim. Então melhor aproveitar aqui mesmo.

Pessoalmente, acho meio triste pensar assim. A vida fica sem graça. Tive um amigo (e digo tive não porque ele morreu, mas porque brigamos justamente por

isso e nunca mais nos falamos) que era ateu praticante, fanático e foi ficando tão cínico, tão deprimido, desdenhando tanto a vida boa que levava (é um ator de sucesso), porque a vida não vale a pena, tudo é uma bobagem... Um dia não aguentei, falei para ele: “Então por que você não se mata de uma vez?” Brigamos.

A ideia de outra vida depois desta foi o primeiro passo da civilização. Foi quando os primatas começaram a enterrar os mortos com algum tipo de ritual.

Dessa ideia, de que a vida não termina com a morte, é que nasceu a cultura e a civilização. Então, quase se pode dizer que negar a ideia de vida depois da morte é negar toda a história da cultura do homem. Mas isso é outra história, melhor nem começar a falar disso.

Cada religião tem a sua versão para a outra vida. Para os cristãos, “o corpo é a morada da alma”. Corpo e alma são duas coisas separadas. O corpo morre e a alma vai para o céu ou para o inferno.

Pode ser obrigada a dar uma paradinha no purgatório, para lavar os pecados menores, antes de chegar ao paraíso. Tudo bem organizadinho, de acordo com a lógica desta vida: os bons ganham o céu, o prazer eterno, os maus sofrem pra caramba, por toda a eternidade no inferno.

Não faltaram artistas para dar forma a essa organização pós-morte. A história da pintura é cheia dessas imagens, que sempre acenderam a imaginação dos artistas visuais. E inspirou os poetas, muitos. Para falar só de um: o italiano Dante escreveu *A divina comédia*:

“No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura,
a boa estrada duma vez perdida.”

Comédia para Dante não tinha o sentido de hoje. Era como se chamava o drama, o que acontece na cena, no palco. Mas o poema não deixa de ser engraçado na ingenuidade cristã de arrumar tudo direitinho em três departamentos: o mal (inferno), o bem (o paraíso) e o mais ou menos (o purgatório).

Tem gente que vai querer me matar de dizer que isso é “engraçado” e “ingênuo”. Claro, o poema é genial, mas essas ideias não são, não. Diante de todo o conhe-

cimento que se acumulou nos milhares de anos de arte, ciência, filosofia e da própria religião, certas ideias do *Credo* católico ficaram meio esquisitas:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, em Jesus Cristo, um só seu filho, Nosso Senhor, concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado morto e sepultado, desceu aos infernos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, onde está sentado à direita de Deus Pai, todo poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém

Indo do fim para o começo: a *vida eterna* é inegável mesmo. Não é questão de crer ou não crer, é uma questão de lógica. Não há como negar: segundo as noções mais modernas da física, toda vida é eterna, porque “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, toda existência é, portanto, eterna, blá blá blá, certo? Aí vem a *ressurreição da carne*. Dá para imaginar que mesmo depois de toda a humanidade ter virado pó, porque a gente sabe, na prática, que viramos pó, não é uma imagem poética. Mas dá para crer que mesmo depois de virar pó, no dia do juízo final, *todos* os humanos mortos que já foram batizados como cristãos, e que são milhões de milhões ao longo da história, vão ressuscitar em carne e osso, sair de seus túmulos e ficar andando por aí? Parece mais filme de terror, fala a verdade: *A volta dos mortos vivos, O apocalipse dos zumbis*.

Continuando do fim pro começo: *remissão dos pecados*. Como assim? “Remissão” é perdão. Quem perdoa os meus pecados? O padre? Ah, não adianta. Ele pode perdoar quanto quiser, mas se eu continuar me sentindo culpado como ficamos? Vou pro inferno porque *eu* não me perdoei? Ou vou pro céu porque *ele* me perdoou? Esse dilema atormenta muitas criancinhas no catecismo. Talvez não formulada desse jeito. Mas a dúvida tem muitas formas. E na dúvida é que se encontra mais sabedoria.

Primeiro de tudo precisa entender bem o que é pecado. A gente acha que pecado é coisa de religião só. Mas não é. Pecado é uma categoria moral. É quando eu, com o mais fundo da minha consciência pessoal, sinto que errei. É diferente de

crime. Crime e pecado não são a mesma coisa. Crime é determinado pelo estado, pela justiça, pela sociedade. Pecado é determinado pela gente mesmo, de acordo com o que a gente acredita que é certo, errado ou mais ou menos. Tem coisa que é crime, mas não é pecado. Tem coisa que é pecado e não é crime.

Por exemplo: o aborto. Em país que é permitido, como no Japão, não é crime, mas dependendo das convicções da pessoa é pecado. Lá tem templos com fileiras e fileiras de estatuinhas de bebês em pé, de pedra, mas com gorrinho ou cachecol de lã vermelha. Homenagem da família às crianças que morreram. Só que todo mundo sabe que a grande maioria é para pedir perdão por um aborto. Que embora não seja crime, remexeu com alguma coisa muito funda da mãe (talvez do pai também). E botando a estatuinha ali, o filho abortado ganha uma existência simbólica nesta terra. Lava o pecado sentido pela pessoa. É prático. É bonito. Uma beleza meio triste, mas bonito mesmo assim. Tem coisas na morte que podem ser bonitas.

Em outros lugares, como no Brasil, tem gente que acha que aborto não é pecado, mas pela lei do país é crime. Essa história é complicada.

Diz a genética e a lei aprova, que se ocorre “morte cerebral” o sujeito morreu. Os médicos desligam os aparelhos, a família doa os órgãos do morto e todo mundo bate palma.

Se quando o cérebro para de funcionar a pessoa não existe mais, só quando o cérebro começa a funcionar (aos 14 dias de gestação) é que a pessoa existe. Portanto, aborto antes disso não é a eliminação de uma “vida”, mas de um aglomerado de células que ainda não é uma pessoa.

Meio como comer um ovo frito: não é igual a comer uma galinha. Ou comer uma jabuticaba: não é igual a engolir uma jabuticabeira. O ovo fecundado contém a galinha, o caroço da jabuticaba contém a jabuticabeira, mas ainda não são nem uma coisa nem outra. Então, até os 14 dias de gestação somos um ovo fecundado, ou um caroço de jabuticaba, mas ainda não somos nem galinha, nem jabuticabeira, nem gente. Então, o aborto não seria, nesse período, nem crime, nem pecado.

Mas até a burocracia do sistema entender essa simplicidade, demora. E muitos abortos e muitas mortes por aborto acontecerão.

Essa ideia de morrer ainda criancinha, antes ou depois de nascer, também tem seu departamento na organização do pós-morte do cristianismo. É o limbo. É lá que guardam todas as alminhas das crianças que morreram antes de ser batizadas como cristãs. Já pensou quantas? Já pensou como o limbo tem de ser elástico para caber tudo isso? Tá bom: alma não tem matéria, não precisa de espaço físico. Mas mesmo assim algum espaço de existência tem de ter. Se for só energia, já pensou quantos megawatts teria o limbo de alminhas pagãs? Puxa, dava para fazer um novo Big Bang!

Continuando do fim para o começo no Credo católico: a *comunhão dos santos*. “Comunhão” é sintonia de sentimentos, de modo de pensar ou agir. Quer dizer, a santaiada toda pensa igual. E está tudo lá no céu, em algum lugar, recebendo os nossos pedidos e encaminhando para Deus (para quem é católico fervoroso e tem contato direto com a autoridade suprema) ou para Jesus (para quem é evangélico e prefere falar primeiro com o filho do chefe).

Mas não é meio parecido com conto de fadas?, achar que tem sempre algum santo especializado para atender a gente: santa Cecília protege os olhos, são Roque protege das doenças de pele, santo Expedito, o santo das causas impossíveis? Tem gente que acha que é igualzinho. Que é só pedir que, feito uma fada madrinha, o santo se põe em ação lá no céu, acima das nuvens e consegue para a gente o que a gente quer: amor, dinheiro, sucesso.

Será?

Só de falar essas coisas eu já devo estar para lá de excomungado, mas o que eu acho mesmo pior no Credo é essa obrigação de “crer”. Fé cega não é fonte de conhecimento, nem de sabedoria. Nem eu, nem ninguém é *obrigado* a acreditar em nada. Se for obrigado já não é mais “credo”, “crença”, “convicção”. É submissão, dominação, autoritarismo. A gente acredita numa porção de coisas, não porque nos obrigam. Mas porque descobrimos, desde pequenininhos como as coisas são.

E com isso devo ter garantido minha condenação eterna no inferno católico. Mas isso, só quando eu morrer.

Aponta a mesa. Olha para o alto.

Agora?

Dá de ombros.

Paciência.

Senta na mesa. Olha para cima. Não deita.

Num gesto pequeno, discreto, aponta o alto.

HOMEM - Espiritismo é um cristianismo que tem um lado bacana. Para os espíritas a morte é o acontecimento mais importante da vida. Porque permite a reencarnação. O cara morre, passa um tempo no outro mundo e volta melhorado, para aprender mais um pouco por aqui. Morre de novo, volta lá nas outras esferas, até virar um ser superior que pode escolher reencarnar ou não.

Na vida de todo dia, espírita acredita de fato em praticar o bem, ajudar os outros, repartir o que tem. Tem uns hipócritas, claro. Sempre tem em toda parte. Mas é uma prática que oferece grande consolação. Porque é meio fatalista, fala que você tem de carregar sua cruz, mas que tudo tem sua recompensa. Você só vira um espírito atormentado se quiser. A salvação está em suas mãos. Sempre tem jeito. Se você fez muita cagada numa vida, pode ficar sossegado que tem outra pra você corrigir.

E é uma religião muito consoladora porque através dos médiuns dá para falar com os entes queridos que já morreram, receber conselho deles, rezar para a iluminação deles do outro lado. E alimenta a esperança de, depois da morte, reencontrar quem já morreu. Filho encontra pai, mãe, marido encontra mulher...

Sei não.

Acho esquisita essa ideia cristã de que a alma continua individual, com a mesma personalidade, história, memória do outro lado. Aí passa por um processo de esquecimento para reencarnar.

Hum. Não consigo acreditar que os mortos voltam para falar com a gente. Acho que a vida, como o tempo, vai numa direção só. Morreu, foi. Não volta.

Claro, tem tanto fenômeno que todo mundo já viveu, uma sensação mais forte ou mais fraca, de ter tido um contato com alguém que morreu que não dá para negar essa possibilidade.

Mas acho que isso é coisa nossa, aqui e agora, que a gente, com a complexidade da nossa mente neural é capaz de ouvir, entender, descobrir, coisas que não sabia. Feito o cone da memória do Bergson: um cone invertido com a ponta menor tocando a realidade. É o que a gente lembra. No resto do cone a memória está toda misturada, não arrumadinha, sequencial. Está emaranhada, feito um novelo. De repente, uma coisa, uma situação, uma paisagem, um objeto, faz a gente pescar lá do meio do emaranhado uma noção que a gente nem sabia que tinha. Mas aí sou eu, humano, vivo e encarnado que estou indo, não é o espírito desencarnado que volta para me soprar no ouvido.

Não sei. Gosto dessa ideia de dizer que morrer é desencarnar. Mas não curto a ideia de que a minha consciência vai voltar como ela mesma, mesmo que esquecida. Acho difícil acreditar que a alma sobreviva inteira.

Deita, afinal, e começa a se recompor como defunto.

Inquieto, senta.

HOMEM – Eu queria saber mais como é no islamismo, no judaísmo.

Do islamismo só o que sei é que por respeito ao morto, ele é enterrado o mais depressa possível. Porque se Alá chamou, ele tem de atender imediatamente. De preferência no lugar onde morreu. É proibida qualquer manifestação de tristeza, o uso de luto. O período de luto é de três dias. Para a viúva, quatro meses e dez dias. O morto é lavado, vestido de branco, e enterrado na própria terra, sem caixão. Só os homens-bomba são enterrados com a roupa que usavam no momento da morte. Se é que sobra algum corpo e alguma roupa para enterrar. Não existe reencarnação.

Duas coisas são intrigantes no pós-vida islâmico: a geena, uma espécie de inferno com sete portais, para onde todos vão, justos e maus, cumprir uma pena antes de chegar ao paraíso.

E as houris, virgens que nunca passam dos 33 anos. Quando eu soube que todo homem muçulmano é recebido no paraíso por uma porção de virgens, não en-

tendi nada. O que eu vou fazer com uma monte de virgens? Aí eu descobri que as virgens esperam os mortos homens para satisfazer seus desejos sexuais e isso não afeta sua virgindade. Elas transam e continuam virgens. Ah, bom. E esse prêmio não é só para os que morreram defendendo Alá, é para todos.

O que me intriga mais é a rapidez no funeral.

Será por que o oriente médio é terra quente e o corpo dura pouco antes de começar a se decompor?

Será por isso a identidade entre a pressa islâmica e a pressa judaica?

Povos primos, inimigos há milênios, e tão, tão parecidos.

Tenho muitos amigos judeus, mas só sei que ao contrário da festa funeral cristã de vestir o morto com o melhor terno (às vezes quando ele nem usava terno em vida) encher o caixão de flores, comprar um caixão bonito, em vez de tudo isso, o judaísmo valoriza é a democracia da morte: o caixão tem de ser madeira simples, fina, para o corpo ficar mais próximo do solo e em vez de roupa, o corpo usa uma mortalha branca, simples. Para mostrar que ricos e pobres são iguais diante de Jeová. Sem flores, nem dentro nem fora do caixão. Não tem velório, para não violar a dignidade do morto. Qualquer técnica de embalsamar ou prolongar a duração do cadáver é proibida. O enterro deve ser realizado logo porque se a pessoa morreu, não faz mais parte do mundo dos vivos, é indigno continuar por aqui. A cremação é inadmissível. O homem tem de voltar para a terra de onde saiu. O judaísmo é muito ritualista e os sete dias depois da morte são cheios de práticas que mesmo os judeus não praticantes acabam respeitando mais ou menos: sentar no chão, não comer demais. No enterro, a parte mais dramática é quando as pessoas mais próximas do morto rasgam as próprias roupas.

Por quê?

É o contrário total do hinduísmo que faz uma festa para o morto. O corpo é untado com pasta de sândalo, coberto de flores, de enfeites, exposto ao ar livre nas aldeias, conduzido em cortejo até a pira onde é queimado em praça pública. Só a cabeça fica descoberta e virada para o sul para liberar a alma do morto.

Por quê?

Olha para o alto.

HOMEM – Tudo bem. Estou indo.

Começa a se ajeitar, de joelhos sobre a mesa, de quatro, resistindo a se deitar.

Bate na mesa. Bate de novo. E de novo.

Começa um ritmo.

De joelhos na mesa, batuca um ritmo de candomblé.

Da mesa, passa para o peito, batuca o ritmo no peito aberto.

Do peito, passa para o corpo, batendo um ritmo vivo.

E canta um ponto:

HOMEM – “Iku o!
Iku o gbe lo
O gbe, dide k’o jo
Eku O!
Odigboke O!”

Ele desce da mesa, gira, para e fala.

HOMEM - No candomblé, a morte não é extinção total. Para um nagô, isso dá muito medo. Morrer é mudar de estado, faz parte da vida. Não é uma coisa que acontece só com a pessoa, acontece com o grupo, a família, o trabalho, a cidade. Não é pessoal, é social.

Iku, a morte, devolve para Iyá-nlá, a terra, a matéria de cada um. Cada um, quando nasce, traz sua alma.

A alma não é inteira, uma coisa só, é dupla: ori, emi. Ori é a cabeça, a mente, a inteligência, a alma orgânica, mortal, individual, que não se repete nem reencarna. Emi é a parte imortal, imperecível, a respiração.

Ori é o destino individual. Cada um tem obrigação de cumprir o seu ori.

Ninguém cumpre o ori sozinho: é junto com a família, com o “terreiro”, com o todo do mundo. Tem de cumprir o ori para garantir a imortalidade, o renascimento.

Quem cumpre o ori está pronto para a morte.

Passa do aiyé (*abaixa-se e toca o chão*), para o orun (*se ergue, estica um braço para o alto*), o outro mundo, o espaço do espíritos, dos orixás.

Quem cumpre os ritos, é invocado como egun, vira ancestral.

Quando o ser humano morre, o emí imortal se solta e volta para o orun. Se junta com a massa de ar de onde surgiu.

O corpo enterrado se decompõe: os líquidos vão para as águas da terra; a carne e tudo que é escuro vira terra; os ossos e tudo que é branco vira giz.

No funeral, se canta, se dança em volta de uma cuia vazia. Cada um joga uma moeda na cuia. Na hora certa, trazem tudo o que era do morto. Quebra-se a cuia, rasgam-se as roupas, arrebentam-se os colares. O que era do morto tem de ser destruído. Os animais são sacrificados. Jogados por cima dos pertences do morto, junto com as moedas que caíram da cuia, por cima de tudo um punhado de terra.

É o carregó que vai soltar, desamarrar tudo o que o morto tinha preso à vida.

A desintegração, a perda da individualidade é indispensável para fazer fluir o axé e garantir a sobrevivência do coletivo.

A morte dá sentido à vida.

Deita na mesa e canta:

“Iyá mi, axexé!

Baba mi, axexé!

Olorun un mi axexé o o!

Ki ntoo bó orixá a é.”

Breve tempo.

Senta.

HOMEM - No Japão também existe esse equilíbrio entre pessoal e social. Na vida e na morte. Os japoneses hoje não se consideram religiosos. Mas talvez sejam religiosos no sentido mais fundo da palavra. Por causa dos seus muitos milênios de civilização. Começou com o xinto, na pré-história. Xinto quer dizer “caminho dos deuses”. Isso que era o mundo para os primeiros japoneses. Tudo o

que existia era dotado de kami, a essência, tudo era kami, tudo era deuses. Cada coisa era um deus. E como tudo era sagrado, o ser humano tinha um enorme respeito por tudo. Não estragava nada, porque tudo era cheio de deuses.

Desce e avança.

Aí, chegou o budismo no Japão, um sistema de crenças centrado no ser humano. Tudo é causa e efeito. E as condições. Se você planta uma semente boa (que é a causa) em solo ruim (que é a condição) não vai nascer nada (o efeito). A culpa é sua. Um mestre budista contou uma história assim: num festival ao ar livre, um maluco acelerou o carro, atropelou uma mãe e sua filhinha. Claro que para a nossa cabeça ocidental, a culpa é do motorista. Mas para o budista a mulher ir ao festival é a causa, o motorista pirado é a condição e a morte é o efeito. Do ato dela, não dele.

É a religião da responsabilidade. Eu sou responsável por tudo o que me acontece. A minha tragédia é ter morrido atropelado. A tragédia do motorista é ter me atropelado. Coisa que no Japão não fica impune como aqui.

Até o século XX, vigorava no Japão o sincretismo das duas religiões: Shinbutsu Shugo. Hoje não existe mais isso, não.

Mas eu acredito que os japoneses são tão eficientes por causa dessa origem religiosa. Por causa da fusão de duas religiões da responsabilidade. Uma para a vida, outra para a morte.

Casamento, batizado, datas importantes, é no templo xintoísta.

Velório e enterro é com o budismo. Porque o budismo é todo voltado para a morte. É a morte que permite a reencarnação e é através das reencarnações que você se livra do carma e vai para a Terra Pura, para a Felicidade Absoluta da outra vida, para o Nirvana.

Uma religião com tantos deuses que chegam a se confundir com as próprias coisas, outra sem deus, sua vida é o que você faz dela.

Nada de ficar pedindo graças.

Li não sei onde, mas era uma pesquisa com fonte citada e tudo, deve ser verdade, que só das principais religiões monoteístas do mundo, islamismo, cristianismo, judaísmo, são 97 mil preces por segundo! Isso nos dá um Deus executi-

vo, ocupadíssimo. Nem com o secretariado de todos os santos tem como dar conta de tudo isso de orações. Sem contar que não dá para ir atendendo assim, de qualquer jeito. Porque uma porção dessas orações é muito pouco sagrada. Pede dinheiro, fama, fortuna, essas coisas bem materialistas.

Vai para a mesa.

Senta, cruza as pernas.

HOMEM - Já que estou excomungado mesmo, eu serei franco.

Acho que não foi Deus quem criou o homem.

Foi o homem que criou Deus.

Não é nenhuma novidade, lá no fundo todo mundo sabe disso.

Porque criação é reflexão. Quem reflete gera imagem. O ato de criação é um espelho: de um lado Deus, do outro o homem. Um a imagem do outro. O outro a imagem do um. Se o ser humano é imagem e semelhança de Deus, Deus é imagem e semelhança do homem.

Tá na Bíblia:

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”

Gênesis 1:27

Por isso mesmo, essa história de dizer que Deus não existe é esquisita.

Pode não existir um Deus de barba branca e camisolão voando por aí, espreitando tudo o que a gente faz para castigar ou premiar depois. Isso é conto de fadas. Mas existe uma noção de inexplicado, de além da imaginação, de incognoscível, de mistério, que está no fundo da cabeça e do coração da gente, que é o que os antigos chamaram de Deus.

Inventaram sistemas de crenças em cima dessa noção, tentando explicar o mundo, explicar o que não dá para explicar, e acabamos tendo as religiões como sistemas rígidos de leis, cheios de proibições, do que agrada ou não agrada a Deus. Deus está se lixando para nós, humanos, não se agrada nem desagrada com nada do que nós somos, fazemos ou falamos.

Do pouco que eu conheço desse assunto que tanto me interessa, quem melhor definiu foi a teosofista, Madame Blavastky. Ela pode ter começado como maga, cabotina, recorrendo a fraudes para fazer prodígios, se envolveu com o começo do espiritismo fraudulento nos Estados Unidos, mas acabou estudando com mestres secretos no Himalaia e depois de uma longa vida religiosa no sentido mais intenso e profundo que se pode imaginar, falou assim:

“Não acredito no Deus bíblico, nem no Deus dos cristãos. Rechaço a ideia de um Deus pessoal, extra cósmico e antropomórfico, que não é mais do que uma sombra gigantesca do homem e não, certamente, do melhor... O Deus da teologia é um ninho de contradições e uma impossibilidade lógica... Acredito num princípio divino universal, raiz de tudo, do qual tudo vem e para o qual tudo irá no fim do ciclo do ser... Absoluto, infinito, está em todas partes, em cada átomo do cosmos, visível e invisível, dentro, acima, e ao redor de cada átomo indivisível e de cada molécula divisível, porque ele é o misterioso poder de evolução e involução, a potencialidade criadora, onipresente, onipotente, onisciente. Pensamento absoluto, existência absoluta; uma esfera sem circunferência e existe para ser ele próprio”.

Fica um longo tempo em silêncio, olhando a plateia, balançando as pernas.

Calmamente, vai se deitando e se aprontando como defunto outra vez.

HOMEM – No fundo, no fundo, o foco de toda religião é a morte.

O foco da vida é a morte.

Não adianta evitar o assunto.

Tudo o que nós criamos e destruimos gira em torno da morte.

A vida se nutre da morte.

Para Deus tanto faz a gente estar vivo como morto.

A gente está nele.

Acho que é Spinoza quem diz: a questão não é se Deus existe ou não.

Só existe Deus. Não existe nada além de Deus, que não é justo nem injusto, bom nem mau.

É apenas.

E pronto.

Sem pedir nada, sem esperar recompensa,

eu sou a minha consciência.

E entendido isso, posso morrer sossegado, porque morrer não é nenhuma tragédia.

Imobiliza-se na pose de morte do início.

Mudança de luz.

Música baixa, agradável, repousante.

O palco e a plateia em penumbra.

Que vai se apagando lentamente, até black out.

FIM

Atibaia, setembro de 2012/março 2013